**COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS COM HOMENS GAYS E BISSEXUAIS SOBRE AS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA ENVOLVENDO AS PRODUÇÕES TELEVISIVAS**

Marcos Fernando da Silva Marques Junior[[1]](#footnote-0)

Dilton Ribeiro Couto Junior[[2]](#footnote-1)

A pesquisa, em fase inicial, se propõe a investigar a relação entre gênero, infância e produções televisivas (filmes, séries e animações) a partir de conversas com homens gays e bissexuais que performatizam uma masculinidade dissidente desde a infância. Buscamos conhecer o modo como as produções televisivas operam com o marcador de gênero, muitas vezes reforçando o binarismo menina/menino. O estudo vem sendo fundamentado principalmente a partir dos conceitos de poder (Michel Foucault), gênero (Guacira Lopes Louro) e cibercultura (André Lemos, Edméa Santos). A partir de aportes pós-estruturalistas, adotamos a cartografia *online* como metodologia de pesquisa e a conversa como procedimento metodológico. Entendemos que conversar com os sujeitos sobre essas produções pode contribuir com pistas para a construção de uma educação antissexista, antirracista e antiLGBT+fóbica.

Palavras-chave: Infâncias, gênero, cibercultura, educação.

**1.** **Infâncias sequestradas, corpos (im)possíveis: iniciando o debate**

O trabalho surge a partir do interesse em investigar as infâncias em posição de dissidência a partir de conversas com homens gays e bissexuais sobre as memórias de infância envolvendo as produções televisivas. O trabalho apresenta as seguintes questões investigativas: como a heteronormatividade se demonstrou como um obstáculo nas infâncias em posição de dissidência desses sujeitos? Como as produções televisivas mencionadas pelos sujeitos operam com o marcador de gênero? Como o trabalho de campo pode contribuir com pistas para a construção de uma educação antissexista, antirracista e antiLGBT+fóbica?

Para responder essas questões, compreendemos que a trajetória desses sujeitos foi e continua sendo marcada pela desvalorização de seus modos de ser/estar, com a presença de práticas heteronormativas que colocam a heterossexualidade como modelo a ser seguido. Em muitas situações tiveram suas infâncias sequestradas/negadas, incluindo o que podiam assistir/acessar em termos de produções televisivas. Conhecer as infâncias em posição de dissidência e que foram marcadas/cerceadas por normas regulatórias de gênero trouxe como uma questão a própria negação a determinadas produções (culturais) televisivas. O modo como as diferentes instituições aproximam-se dessas normas alinha-se com o que Louro (2009) denomina de “corpo viável”, indicando que discursos e práticas são produzidos com a intenção de normatizar determinados atributos/expectativas para os corpos de todos os sujeitos.

A arte da rememoração das infâncias dos sujeitos participantes da pesquisa é inspirada nas reflexões propostas por Souza (2006, p. 102), para quem “a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais articulam-se com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências”.
A possibilidade de olhar para si e resgatar essa infância traz a oportunidade de intercambiar experiências sobre o que significou constituir uma infância em posição de dissidência, considerando, primeiramente, que “o que está em jogo, na dissidência, é a vida em seus processos sempre abertos de criação, movimento e reinvenção” (SILVA; PARAÍSO, 2023, p. 8). Esperamos que, através da memória narrativa, sejamos capazes de conhecer o que o outro diz ao buscarmos entradas de problematização voltadas para pensar o modo como a relação infância-TV incidiu na constituição de si.

**2. Cartografia *online* como aposta teórico-metodológica**

A cartografia *online*, metodologia adotada para o estudo, reconhece a internet como aliada no desenvolvimento do trabalho de campo (COUTO JUNIOR *et al.*, 2023). Nossa cartografia movimenta-se “por meio de fluxos informacionais e comunicacionais, capturando rastros, intervindo e produzindo dados [...] [para] configurar compreensões sobre uma determinada realidade (provisória)” (CARVALHO; POCAHY, 2023). A partir de conversas com os sujeitos, buscamos compartilhar experiências sobre as memórias de infância envolvendo as produções televisivas.

Não há prescrição metodológica, na medida em que a cartografia implica a construção de um percurso em permanente reconfiguração; um mapa aberto e inacabado que agita nosso pensamento e dispara ideias que permitem a entrada de problematizações. Embora não haja receituário/prescrição metodológica a serem seguidos na cartografia, “isso não significa navegar sem qualquer tipo de rumo” (COUTO JUNIOR *et al.*, 2023). Pelo contrário, rigor sem rigidez (PARAÍSO, 2014) fornece ao/à pesquisador/a maior possibilidade inventiva na constituição de seu percurso cartográfico em tempos de cibercultura. De que modo capturar as dinâmicas comunicacionais em/na rede têm sido uma preocupação central no trabalho, que tem valorizado as conversas *online* como estratégia metodológica para intercambiar experiências com outros sujeitos.

Diante disso, também reconhecemos, em nossa cartografia *online*, a necessidade de uma postura dialógica e de alteridade para afetar e se deixar afetar na relação com o outro. Pesquisar mediante essa postura implica a permanente negociação de sentidos entre duas ou mais consciências “na medida em que nos colocamos disponíveis e sensíveis ao que o outro tem a partilhar” (COUTO JUNIOR, FERREIRA; OSWALD, 2017, p. 25). Ademais, diálogo envolve disputas e negociações, ou seja, nem sempre os argumentos alinham-se, o que também evidencia múltiplos pontos de vista que enriquecem a tessitura das reflexões durante o trabalho investigativo.

**3. O WhatsApp como lócus investigativo: aproximações iniciais com o campo**

Pela popularização das redes sociais atualmente, cujo potencial comunicacional permite a produção e o compartilhamento de diferentes tipos de informação entre sujeitos geograficamente dispersos, optamos pela adoção do WhatsApp como lócus investigativo, mais especialmente um grupo constituído por 101 homens gays e bissexuais. Na primeira aproximação com o campo, que se deu no primeiro semestre de 2024, entramos em contato com um dos administradores perguntando sobre a possibilidade de conduzir o trabalho de campo com os integrantes do grupo.

A proposta investigativa causou, em um primeiro momento, estranhamento.
Esperava-se uma espécie de Google Forms com questões já definidas, visando simplesmente que coletássemos os dados para realizar o trabalho. No entanto, essa concepção de pesquisa se distancia de nosso modo de trabalhar com a cartografia *online*, entendida aqui como uma metodologia que opera no fluxo informacional/comunicacional da vida[[3]](#footnote-2). Mediante a tentativa de contextualizar a cartografia *online*, o administrador disse não reconhecer a metodologia e tentou explicar como “funciona uma pesquisa” e mostrar-nos todos os elementos constitutivos de um estudo científico.

Esse estranhamento inicial do administrador do grupo traz reflexões importantes para a pesquisa em educação na cibercultura. Mesmo mostrando-se aberto e autorizando a condução do trabalho de campo, é interessante perceber o quanto ainda é forte a concepção de pesquisa com seres humanos que pesquisa *sobre*, e não *com*. Pesquisar *sobre*, diferente de como vimos cartografando, traz como características a “coleta de dados” e uma relação pesquisador-pesquisado sem dialogicidade e alteridade.

Passado esse momento inicial de entrada em campo, nosso desejo de pesquisar com esses sujeitos parte também das referências culturais que compartilhamos no grupo e que são discutidas com muita empolgação pelos sujeitos, incluindo atrizes, desenhos, filmes e séries. Não podemos negar o quanto a televisão, mesmo em um cenário social muito marcado pela presença da internet, permanece sendo um artefato cultural muito significativo na vida dos jovens participantes da pesquisa. Partimos do pressuposto de que determinados programas televisivos potencializam a imaginação infantil, favorecendo a ampliação do repertório cultural das crianças (GIRARDELLO, 2005), conforme os próprios sujeitos apontaram ao rememorarem o que assistiam durante a infância.

Rememorar essas memórias televisivas por meio de conversas no WhatApp vem se tornando uma estratégia metodológica privilegiada, porque entendemos que essa rede se apresenta, para o grupo, como um lugar seguro, com a possibilidade de interação através do compartilhamento de textos, imagens e vídeos. Por fim, diante de algumas interações construídas com os integrantes do grupo a respeito de programas de TV, fomos atravessados por experiências em comum. Primeiramente, a discussão sobre o cerceamento de nossos corpos por normas regulatórias de gênero que, consequentemente, também nos negou acesso a determinados programas televisivos, por serem considerados inapropriados para meninas ou para meninos, aspecto que será aprofundado nas próximas etapas da pesquisa.

**4. Conclusões preliminares: para não concluir**

O trabalho de campo vem evidenciando que os sujeitos participantes da pesquisa experienciaram infâncias em posição de dissidência; infâncias cerceadas por famílias que colocaram em movimento a fiscalização de seus corpos (FOUCAULT, 1999). Essa fiscalização incluiu a criação de estratégias punitivas para que os corpos de meninos e das meninas ocupassem determinadas posições sociais coerentes com a compreensão binárias dos gêneros. Entender como esse processo coercitivo dos sujeitos participantes da pesquisa se deu é importante, porque mostra o quanto eles tiveram suas infâncias sequestradas, incluindo o próprio acesso a determinados programas televisivos.

Como profissionais do campo educacional, compartilhar experiências com homens gays e bissexuais sobre as memórias de infância envolvendo as produções televisivas pode trazer pistas para a construção de uma educação antissexista, antirracista e antiLGBT+fóbica. No entanto, esse desafio não será pensando solitariamente, pelo contrário, conforme aprendemos com Silva e Paraíso (2023, p. 11). De acordo com o autor e a autora, cartografar é permitir ser atravessado nos encontros e compor com os sujeitos.

**Referências**

CARVALHO, Felipe; POCAHY, Fernando. Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na cibercultura. In: OSWALD, Maria Luiza; FERNANDES, Adriana Hoffmann; SILVA, Dagmar Mello; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). *Metodologias de pesquisa online*: investigando em/na rede com o outro. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 175-203.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; MADDALENA, Tania Lucía; SOARES, Reginaldo Rosa. Por que pesquisa online não é pesquisa remota emergencial? Particularidades e potencialidades investigativas na cibercultura. In: OSWALD, M. L.; FERNANDES, A. H.; CANELLA, D. M. S.; COUTO JUNIOR, D. R.; FERREIRA, H. M. C. (Orgs.). *Metodologias de pesquisa online*: investigando em/na rede com o outro. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 404-429.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: história da violência nas prisões. 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11-12, p. 1-12, jan./dez. 2005.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet*: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 135-143.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy. Cartografia para pesquisar currículos e infâncias em dissidências: um exercício experimental de invenção. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 45, p. 6-12, 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si*. Estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

1. Graduando em Pedagogia (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). E-mail: marcos.junior.97@hotmail.com [↑](#footnote-ref-0)
2. Professor adjunto da Faculdade de Educação da UERJ. Coordenador do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). E-mail: junnior\_2003@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
3. De modo algum discordamos dos questionários *online*, pelo contrário, é uma estratégia metodológica importante para mapear o campo. No entanto, entendemos que, no primeiro contato com os sujeitos, nossa intenção era uma aproximação com o grupo buscando observar/conversar sem lançar mão de uma lista de perguntas previamente elaboradas. [↑](#footnote-ref-2)